

Perspectivas dos discentes sobre os estágios profissionais e formação superior em Turismo

Students' perspectives about professional internships and higher education in Tourism

Flora Thamiris Rodrigues Bittencourt

Doutora em Administração pela Universidade do Grande Rio, Brasil.
Professora substituta do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6378-5162>

E-mail: flora_thamiris@hotmail.com

Renan Ribeiro da Silva

Mestre em Administração pela Universidade do Grande Rio, Brasil.
Professor na Universidade do Grande Rio, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3838-8587>

E-mail: renanribeiro@unigranrio.br

Clayton Pereira Gonçalves

Doutor em Administração pela Universidade do Grande Rio, Brasil.
Professor na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9743-8057>

E-mail: crmiar@gmail.com

Gabriela De Laurentis

Doutoranda e Mestre em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil.
Pesquisadora associada no laboratório de pesquisa NUDE design corpo tecnopolítica (PPDESDI/UERJ), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9049-2904>

E-mail: gdelarentis@esdi.uerj.br

Marinês da Conceição Walkowski

Doutora em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
Professora na Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil.
Professora Colaboradora na Universidade Federal do Paraná. Professora Substituta no Instituto Federal de SC, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5385-7372>

E-mail: marinesw@gmail.com

Resumo

O estudo tem como objetivo relacionar e analisar a formação acadêmica do profissional de Turismo com as características da área de atuação do estágio realizado pelos discentes dos cursos superiores de Turismo e Hotelaria, no estado do Rio de Janeiro. A metodologia utilizada foi uma pesquisa quantitativa online, do tipo survey, com 168 estudantes de Turismo com experiência em estágio. Para análise dos dados foi aplicada a Análise de Correspondência Múltipla (ACM). Os principais resultados apontam que um grupo de estagiários de curso de Licenciatura em Turismo, modalidade EAD, atuam na área educacional sem remuneração para o estágio e não realizam networking no âmbito profissional. Porém, os alunos que cursam o Bacharelado em Turismo, modalidade presencial, realizam estágio remunerado na área de serviços em empresas privadas. Observa-se uma correlação entre o estágio na área de serviços e uma maior propensão a gerar networking, capacitação profissional e, conseqüentemente, empregabilidade. Para pesquisas futuras, sugere-se uma amostra maior e um estudo prático para implementar a aproximação e interação entre academia e mercado de trabalho.

Palavras-chave: Qualificação Profissional. Estágio; Formação Superior. Educação em Turismo. Corpo Discente.

Abstract

The study aims to relate and analyze the scholar background of the tourism professional with the characteristics of internship's practice area carried out by the students of higher education in Tourism and Hospitality, in the state of Rio de Janeiro. The methodology used was an online quantitative survey, with 168 Tourism students with internship experience. For the data analysis, the Multiple Correspondence Analysis (MCA) was applied. The main results indicate that a group of interns with Degree in Tourism, in distance learning model, work in the educational area without remuneration for the internship and do not perform networking in the professional field. However, students who attend the Bachelor of Tourism, with presential classes, attend paid internships in services at private companies. There is a correlation between the internship in the services area and a greater propensity to generate networking, professional training and, consequently, employability. For future research, a larger sample and a practical study are suggested to implement the approach and interaction between academia and the labor market.

Keywords: Professional Qualification. Internship. Higher Education. Education in Tourism. Student Body.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, ingressar na universidade é visto como uma conquista para a vida do indivíduo no sentido de obtenção de aprendizado e possibilidade de uma vida mais digna. Freitas e Amorim (2000) entendem que o estágio, hoje em dia, é muito valorizado, porque é na universidade que se adquire o conhecimento que será aplicado no estágio.

Em seu início, os estágios funcionam como uma complementação de se colocar em prática os conhecimentos que foram obtidos pelos alunos, além de colaborarem para sua colocação profissional, e acumular experiência profissional. Porém, as mudanças que existem no mundo do trabalho afetam como os estudantes procuram sua colocação no mercado, e, também, sua relação com os estágios (Trevisan; Wittmann, 2002; Rittner, 2003;

Rocha-De-Oliveira; Piccinini, 2012b). O estágio é uma oportunidade para o estudante combinar saberes práticos, contribuindo para que o aluno se desenvolva no pessoal, acadêmico e profissional, não dependendo somente do ambiente de trabalho em que estará inserido. Dessa forma, os estágios estão ligados a diversos atores que necessitam se relacionar entre si, são estes: as instituições de ensino superior, as organizações, o poder público, os agentes de integração – que são responsáveis pela intermediação entre a empresa e a universidade – e os estudantes (Rocha-De-Oliveira; Piccinini, 2012a). Como organizações de Turismo, pode-se citar, por exemplo: meios de hospedagens, transportadoras turísticas, agências de viagens, restaurantes, empresas de entretenimento e lazer, empresas organizadoras de eventos, entre outros.

O estágio universitário é um ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido e realizado em um ambiente de trabalho, que tem o objetivo de preparar os estudantes para exercer uma profissão. No Brasil, foi estabelecido pelo Decreto Lei nº 87.497, de 18 de agosto de 1982 que visa regular o estágio de estudantes de ensino profissional (universitário, técnico, profissionalizante). Houve uma atualização em 25 de setembro de 2008, pela Lei nº 11.788, que destaca o estágio como uma prática essencial para que o estudante se prepare para o mercado de trabalho (Brasil, 2008). Tem por objetivo formar competências no processo de ensino/aprendizagem dos alunos de graduação, além de atuar na dinamização do mesmo processo, preparando o futuro graduando para enfrentar os desafios e as transformações constantes do mercado de trabalho e das condições do exercício profissional (Gondim; Lima; Rodrigues, 2012).

O estudante que deseja iniciar um estágio necessita ter sua frequência regular e sua matrícula no curso de ensino superior atestada pela instituição de ensino. O ato da contratação é feito por meio de um termo de compromisso em que todas as partes – a empresa, o estudante e a universidade – se responsabilizam durante o tempo do estágio. Todas as partes têm responsabilidades, como por exemplo: a universidade necessita avaliar as atividades que serão realizadas pelo estagiário e a adequação da empresa à sua formação profissional. Já a empresa deve garantir que a carga horária não supere 30 horas semanais, para que não comprometa o estudante com suas responsabilidades e demandas na instituição de ensino, além de conceder condições para que haja desenvolvimento e aprendizado por parte do estudante, sempre com algum funcionário com mais experiência para auxiliá-lo e supervisioná-lo (Brasil, 2008).

Os estágios podem ser caracterizados como obrigatórios, supervisionados ou curriculares quando são vinculados ao currículo do curso. Dessa maneira, é uma atividade que visa possibilitar ao aluno uma primeira experiência prática com sua profissão de escolha. Há também os estágios não-obrigatórios, que podem acontecer conjuntamente aos compromissos na universidade como forma do estudante complementar sua formação (Roesch, 1996). Nos dois casos há um importante processo de ensino-aprendizagem que tem como objetivo desenvolver o estudante na prática de sua profissão. É esperado que a experiência do estágio – obrigatório ou não-obrigatório – possa colaborar para que o estudante tenha um amplo conhecimento diante da realidade do mercado de trabalho (Halpern, 2016; BRASIL, 2008).

Por conta da realidade brasileira, a maioria dos alunos de graduação acabam sendo levados a realizar estágios que não são relacionados com sua área de formação. Alguns desses estágios se configuram como contratação de mão de obra barata (Capone, 2010).

Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2012b) ressaltam que, por mais que o estudante necessite ter o vínculo com um curso de nível superior para se candidatar à vaga, não se considera muitas vezes o histórico escolar do estudante como um critério de seleção. Aliás, muitas das atividades realizadas e responsabilidades delegadas ao estagiário – mesmo sem

estar no termo de compromisso – se parecem, cada vez mais, às de uma vaga de emprego, ocasionando em cobrança maior de horário de trabalho e disponibilidade na empresa. Muitas vezes a carga horária ultrapassa o limite permitido de trinta horas semanais para estagiários, mostrando que há equivalência dos estágios com as atividades formais de trabalho nesse sentido (Ceretta; Trevisan; Melo, 1996). O estudante pode ter uma experiência de estágio insatisfatória e prejudicada por conta da má orientação das universidades e mau acompanhamento do estudante juntamente com as empresas contratantes, fazendo com que prejudique o aprendizado e a integração entre o saber teórico e prático (Trevisan; Wittmann, 2002; Rocha-De-Oliveira; Piccinini, 2012a).

Desse modo, o objetivo do estudo foi relacionar e analisar a formação acadêmica do profissional de Turismo com as características da área de atuação do estágio realizado pelos discentes dos cursos superiores de Turismo e Hotelaria, no estado do Rio de Janeiro. Como procedimentos metodológicos adotados, a natureza da pesquisa foi quantitativa e na coleta de dados foram aplicados formulários pela ferramenta do Google Forms aos discentes de Turismo e hotelaria com experiência em estágio. Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de Análise de Correspondência Múltipla, pois possibilita avaliar variáveis qualitativas abordadas na pesquisa quantitativa realizadas neste estudo. Além disso, permite identificar a existência de grupos de indivíduos, estagiários, que se assemelham à duas dimensões de análise encontradas: formação superior e estágio realizado, a fim de se alcançar o objetivo proposto.

Em suma, entende-se que a temática da pesquisa é de grande relevância, uma vez que o momento de colocar em prática os conhecimentos obtidos pelos alunos é no exercício do estágio profissional. Dessa maneira, espera-se examinar a relação entre o que é aprendido na universidade com a prática de mercado, por meio de revisão de literatura e análise de dados. Além disso, buscou-se explicar a dificuldade de inserção e efetivação no mercado de trabalho, além da importância de se qualificar academicamente, e de examinar se o que é aprendido na formação superior é posto em execução no estágio curricular.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Formação Superior e Empregabilidade no Turismo

Na década de 1970, o ensino superior em Turismo, no Brasil, começou quando houve a abertura de 16 cursos de Turismo espalhados em diversas instituições, principalmente no Sudeste do país (Teixeira, 2006). Logo no início da década, em 1971, iniciou-se, em São Paulo, na Faculdade de Turismo do Morumbi, o primeiro curso de Turismo, onde hoje é a atual Universidade Anhembi Morumbi. O curso seguiu para a Escola de Comunicações e Artes da Universidade São Paulo – ECA/USP – que, segundo Teixeira (2006), deu força ao Turismo como uma área importante, fazendo ser um objeto de estudo científico e acadêmico, por ter sido o primeiro bacharelado em Turismo ofertado por uma instituição de ensino pública. Os cursos de Turismo podem ser divididos em quatro fases. A primeira fase, na década de 1970, se destaca pelo surgimento dos primeiros cursos; a segunda, na década de 1980, pela paralização do crescimento do número dos cursos em consequência da crise econômica no país; a terceira, nos anos de 1990, pela grande elevação e aumento dessa graduação, devido à expansão da oferta em instituições de ensino superior particulares, e também em razão da Política Nacional de Educação, estimulando o ensino superior e a criação de novos cursos; e a quarta e última fase, a partir dos anos 2000, pela estabilidade entre qualidade e quantidade da oferta da graduação em Turismo (Ansarah, 2002; Silveira; Medaglia; Gândara, 2012; Silveira; Medaglia; Nakatani, 2020).

Nos anos 1990, houve um grande crescimento dos cursos superiores de Turismo no Brasil. Na década seguinte, nos anos 2000, por conta da queda da busca por esses cursos, houve uma redução da oferta dos cursos e surgimento dos cursos superiores de tecnologia na área. Pouco tempo depois, em 2014, já havia 108 cursos de Tecnologia em Gestão de Turismo no Brasil (Santos; Costa; Malerba, 2015). Contudo, entre 1997 e 2022, os cursos superiores de graduação em Turismo formaram 159 mil turismólogos no Brasil. São microdados do Censo do Ensino Superior e contabilizou informações de todos os cursos com “turismo”, com os seguintes descritivos: “Turismo”, “Gestão de Turismo”, “Turismo e Hotelaria”, entre outros. Em 1997, o número de formandos girava em torno de mil, e levando também em conta a evolução do curso superior de Turismo desde 1971 (incluindo uma forte crise nos anos 1980), sugere-se que o total de turismólogos formados até 2022, girou em torno de 170 mil (Santos, 2023).

O Ministério da Educação – MEC, em maio de 2014, computou, em todo o Brasil, 373 cursos de bacharelado em Turismo na modalidade presencial, contendo cursos autorizados, entretanto não necessariamente ofertando novas turmas (Santos; Costa; Malerba, 2015). Desse montante, 355 cursos são somente Bacharelados em Turismo e treze contém diferentes habilitações, como Turismo Binacional, Lazer e Turismo, entre outros. Além disso, a maioria dos cursos, ou seja, 323 dos cursos (86,6%), são ofertados por instituições privadas, enquanto a grande minoria – 55 cursos – é oferecida por instituições públicas. Em relação à localização, a região Sudeste se destaca com 156 cursos (41,8%); na sequência o Nordeste, com 98 cursos (26,3%), e a região Sul com 55 cursos (14,7%). Já as regiões Centro-Oeste e Norte, ofertam somente, respectivamente, 38 e 26 cursos de bacharelados presenciais em Turismo (10,2% e 7%, respectivamente) (Santos; Costa; Malerba, 2015).

Pimentel e De Paula (2014) destacam que o curso de Turismo enfrenta diversos problemas, dentre eles estão: a baixa absorção dos egressos pelo mercado de trabalho; o que acarreta outro problema, que são os altos níveis de turnover, trancamento e desistência para obter um novo título. O outro grave problema é a falta de informação e de visão mais clara dos que ingressam e dos egressos sobre a profissão. Segundo os autores, tais problemas justificam-se devido a questões relacionadas com a formação superior adquirida, no qual pode vir a acarretar um equivocado perfil profissional que a profissão requer.

Diante desses problemas, há uma redução do mercado de formação superior em Turismo e muitos cursos de iniciativa privada fecham, além de haver uma reavaliação do perfil profissional nas universidades onde o curso de Turismo ainda existe, principalmente nas instituições públicas, o qual torna mais difícil o fechamento e que abrange a maior parte remanescente da oferta dos cursos (Pimentel; De Paula, 2014). Há carência na formação prática do profissional de Turismo e isso acarreta o desequilíbrio entre a formação e as necessidades reais do setor turístico (Ansarah, 2002).

Sobre o mercado de trabalho, Ruschmann (2002, p. 6), evidencia que “[...] com esse mercado de trabalho tão amplo não deveria haver obstáculos na absorção plena dos graduados em Turismo pelas empresas do setor.” O fato de o curso ser diverso, faz com que aumente a busca por ele e acaba atingindo um público mais extenso, fazendo com que essa multidisciplinaridade seja como uma estratégia para as universidades (Mota, 2007). Embora o curso de Turismo seja amplo, em maior parte, as atividades não se manifestam mais como atividades profissionais, mas, sim, como ocupações. E, por ser tão diverso e amplo, o campo de formação, quando são colocadas como atividades profissionais, acabam não sendo atividades específicas de turismólogos, que exigiria a formação própria e delimitaria a prática profissional em detrimento daqueles que não são formados em Turismo (Pimentel; De Paula, 2014).

O mercado de trabalho no Turismo é formado por essas organizações, e se manifesta com características importantes e parecidas em diversos países, sendo uma dessas características a grande porcentagem de trabalhadores temporários, além da baixa remuneração, a baixa qualificação e a carga horária semanal extensa (Barretto, Tamani & Silva, 2004).

A empregabilidade no Turismo é, em grande maioria, composta por empregados que apresentam baixa escolaridade (Coelho; Sakowski, 2014; Fonseca; Petit, 2002) e também há baixa qualificação, sendo muito comum muitos trabalhadores serem oriundos de outras áreas atuando no Turismo mesmo sem formação turística alguma (Pimentel; De Paula, 2014). Os empregados no Turismo têm uma escolaridade inferior à da média da economia brasileira. Segundo Coelho e Sakowski (2014), somente 7% dos profissionais formais do Turismo no Brasil têm nível superior, enquanto 34% possuem o nível fundamental, e os demais possuem ensino médio ou nível superior incompleto (Coelho; Sakowski, 2014).

A educação superior em Turismo tem estado cada vez mais distante do mercado, com problemas em se conectar com a realidade empresarial (Cooper; Sheperd; Westlake, 2001; Wang; Ayres; Huyton, 2012), fato esse que dificulta aos estudantes e aos egressos na inserção no mercado de trabalho, e dificulta, ainda, na escolha de curso de possíveis ingressantes no Turismo. Além disso, os profissionais de Turismo não são bem aproveitados pelo mercado de trabalho, principalmente porque o crescimento do Turismo como uma atividade econômica dependente de mão de obra qualificada parece não estar sendo bem valorizada e remunerada (Oganauskas; Gomes; Andrukiu, 2012). Além disso, se observa “a predominância de baixos salários, segurança precária, condições de trabalho inadequadas, alta rotatividade de mão de obra, desvantagem interseccional, guetização ocupacional e abuso moral, sexual e físico de funcionários, podendo se enquadrar, em alguns casos, como escravidão contemporânea” (Costa et al, 2021, p. 1217). Essas questões parecem ser sistêmicas, estruturais e universais em quase todos os países e nas economias formais e informais como é o turismo (Martoni; Alves, 2019).

Onzi e Botomé (2005) discutem ainda a formação em Turismo, questionando as habilidades desenvolvidas pelos cursos de graduação em Turismo capacitando alunos para que possam atuar profissionalmente com todas essas características, ressaltando a ideia de que a inserção profissional no mercado de trabalho está diretamente ligada aos investimentos na formação profissional. Para que os trabalhadores se qualifiquem melhor e estejam mais preparados para o mercado, os professores precisam ter a habilidade de unir o mercado de trabalho ao ensino nas instituições.

Por fim, para Wang, Ayres e Huyton (2012), o profissional é parte principal para que os clientes percebam a qualidade do serviço prestado, fazendo de seu conhecimento uma estratégia para a organização. Dessa forma, é imprescindível que a qualificação desse profissional seja feita de forma correta, principalmente quando esse profissional estará em contato direto com o cliente, representando a empresa que presta serviço, e influenciando também na satisfação da experiência do viajante.

2.2 Estágio profissional: características, objetivos e desafios

As mudanças na caracterização de estágio foram acompanhadas pela legislação no Brasil, de acordo com Colombo e Ballão (2014), com debates sobre uma nova legislação sobre os estágios a partir da primeira década do século XXI, que deram luz à divergência dicotômica de focos: estágio com foco no interesse das empresas e estágio focado nas instituições de ensino superior.

O primeiro encontro dos alunos com alguma prática na sua área de estudo ocorre normalmente por meio do estágio, cuja intenção é ser um complemento dos estudos acadêmicos com a formação da experiência onde o estagiário trabalha (Zabalza, 2015). Muitas vezes, esse é o primeiro trabalho profissional dos alunos, ao que Codo (2006) destaca a importância do trabalho, por ser entendido como um dos muitos elementos fundamentais para que o indivíduo construa sua identidade. Teoricamente, a realização do estágio no começo do curso tem o objetivo de inserir o estudante no mundo profissional e familiarizá-lo com a profissão escolhida. Por outro lado, a realização do estágio no fim do curso tem também o intuito de promover a entrada no mercado de trabalho, mas com a intenção de se estabelecer em curto prazo por meio de uma possível efetivação ao final do contrato de estágio (Rittner, 2003; Rocha-De-Oliveira, 2009). No Brasil, segundo Trevisan e Wittman (2002), os alunos se mostram com preocupação com seus futuros profissionais, e buscam no estágio, se colocar no mercado de trabalho. “O estágio representa uma oportunidade de experiência prática para o aluno, onde é permitido aplicar e vivenciar a teoria nas diversas situações encontradas no dia a dia, além de ser uma ferramenta indispensável para a iniciação dos estagiários no campo profissional” (Gondim; Lima; Rodrigues, 2012, p. 03).

As primeiras legislações que normatizam a atividade de estágio no Brasil são da década de 1940, sendo o Decreto nº 4.073 (Brasil, 1942), que regulamenta estágios ligados exclusivamente ao ensino industrial em instituições de ensino médio, sendo a primeira legislação que tratou diretamente dessa atividade na época. Na década de 1960, foi sancionada a Portaria nº 1.002 (Brasil, 1967), que padronizou o estágio em faculdades e escolas técnicas. Entretanto, a principal legislação foi a Lei nº 6.494 (Brasil, 1977), que foi regulamentada pelo Decreto nº 87.497 (Brasil, 1982).

Por mais que a formação profissional seja essencial para que o aluno tenha melhores condições de empregabilidade, isso não assegura a inserção do estudante no mercado de trabalho. É necessário que o profissional seja mais integrado, integração essa que acontece por meio de habilidades e conhecimento desenvolvidos na sua formação educacional e que atenda ao mercado (Lemos; Rodriguez; Monteiro, 2011; Lysova et al., 2018). Assim como o mercado de trabalho, cada vez mais exigente (Isnard; Mesquita; Fialho, 2019), o estudante necessita estar em constante mudança e aprendizado contínuo para poder acompanhar o mercado que está cada vez mais tecnológico e, substituindo, de forma gradual, a mão de obra não qualificada, principalmente em níveis operacionais (Castells, 2007; Lemos; Costa, 2012; Sudha, Samuel; Narkeesh, 2018).

No que tange a formação, Campos (2006) afirma que é importante que as instituições provejam professores capacitados e ofereçam um ensino abrangente, flexível e amplo, de modo que o aluno possa desenvolver habilidades e características que o auxiliem a exercer sua atividade profissional com qualidade. As habilidades sociais são muito importantes no mercado de trabalho atual, visto que as profissões que mais estão evoluindo exigem interação interpessoal (Deming, 2017). Hoje, para que um profissional chame a atenção das empresas e esteja pronto para a transformação digital da indústria 4.0, ele deve desenvolver soft skills: foco no cliente; boa comunicação; adaptabilidade/flexibilidade; liderança, rapidez na solução de problemas, trabalho colaborativo; empatia; criatividade; equilíbrio emocional e capacidade de trabalhar sob pressão (Reis; Hasan, 2018).

Como desafios no mercado de trabalho, que afetam os trabalhadores, Dejours (2012) pondera algumas questões, tais como: a desconexão entre o trabalho descrito para o cargo e o trabalho realmente realizado, a falta de reconhecimento, a luta diária de tentar se manter no cargo, entre outros. O trabalho é importante culturalmente para a sociedade contemporânea (Beatriz, 2010), e em relação aos estágios obrigatórios e até aos não

obrigatórios, o indivíduo acaba por esconder insatisfações e possíveis malefícios do ambiente de trabalho por causa da necessidade de ter essa experiência laboral. Durante anos, o estágio foi utilizado somente para redução de custos; para contratar mão de obra barata, por conta da remuneração baixa (Valoria; Czarneski; Machado, 2018), ao que Roesch (1996) destaca, que os estagiários são colocados, em grande parte, para fazer atividades repetitivas e que não agregam tanto para a sua profissão.

Apesar da demanda turística crescente e do incentivo aos programas de formação profissional em turismo, ainda se observa que os turismólogos encontram dificuldades em entrar no mercado de trabalho, tendo em vista, os seguintes aspectos: o desequilíbrio entre oferta e demanda de mão de obra qualificada; o desconhecimento dos empregadores sobre em que consiste um curso superior em turismo; e a formação superior desalinhada com as necessidades das empresas turísticas (Silva et al, 2018). Ainda, a especialização em áreas específicas e a aquisição de conhecimentos que não são adquiridos na graduação, podem ser justificadas pela busca por diferentes áreas de atuação e até mesmo outras graduações por parte dos bacharéis (Santos, 2022).

3 METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa quantitativa baseada em itens qualitativos, do tipo survey, a partir da coleta de dados primários online. Foi realizada uma pesquisa primária, aplicada com estagiários de Turismo e Hotelaria das universidades do Rio de Janeiro, mediante formulários gerados pelo Google Forms para a técnica de coleta de dados.

A natureza da pesquisa é quantitativa de corte transversal (Creswell, 2010; Bryman; Bell, 2011), com uma amostra probabilística da população de interesse (Hair et al., 2018). O universo da pesquisa foi estabelecido em 1200 estudantes de Turismo e Hotelaria no estado do Rio de Janeiro, levando em conta doze instituições que ofertavam os cursos. Foi coletado ao todo 184 formulários respondidos. No entanto, 168 foram considerados válidos. Em relação à confiabilidade da amostra, considera-se um erro amostral de 7% com nível de confiança de 95%.

A pesquisa teve como objetivo relacionar e analisar a formação acadêmica do profissional de Turismo com as características da área de atuação do estágio realizado pelos discentes dos cursos superiores de Turismo e Hotelaria, no estado do Rio de Janeiro. Dessa forma, a survey abordou questões que consistiam em oito categorias de análise, sendo elas: Curso; Remunerado; Área; Modalidade; Networking; Capacitação Profissional; Efetivação; Setor do Estágio, conforme Quadro 1. Essas categorias envolviam perguntas, no geral, relacionadas à Instituição de Ensino Superior (IES) que estudavam, período que estavam, motivo de escolha do curso, atividades extracurriculares, o tipo de empresa que trabalhava, área de atuação dentro do setor de Turismo, as características do trabalho realizado, remuneração e horas trabalhadas.

O Quadro 1 apresenta as respectivas categorias de análise para cada variável pesquisada, contida no formulário, e selecionada por meio da literatura.

Quadro 1 – Categorias de análise das variáveis

Variável	Categorias
Curso	Bacharelado em Hotelaria
	Bacharelado em Turismo
	Licenciatura em Turismo
	Tecnólogo em Gestão de Turismo
	Tecnólogo em Hotelaria
Remunerado	Sim
	Não
Área	Atrativos turísticos
	Educacional
	Outros
	Serviços
Modalidade	EAD
	Presencial
Networking	Sim
	Não
Capacitação Profissional	Sim
	Não
Efetivação	Sim
	Não
Setor_ estágio	Público
	Privado

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

O formulário foi preparado à luz da literatura do referencial teórico, sendo o questionário da pesquisa elaborado a partir das pesquisas de Rocha-de-Oliveira (2009), Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2012^a), Rocha-de-Oliveira e Piccinini (2012b). A supracitada literatura possibilitou a construção das perguntas baseadas em estágios, empregabilidade e inserção profissional. Já as perguntas relacionadas à formação superior utilizaram os estudos de Santos, Costa e Malerba, (2015), Pimentel e De Paula (2014) e Coelho e Sakowski (2014).

No que tange a elaboração e validação do instrumento de pesquisa, na fase da pesquisa quantitativa, as seguintes atividades foram realizadas: planejamento da pesquisa; elaboração, teste e validação do instrumento de coleta de dados; realização da coleta de dados; cálculo amostral para a pesquisa quantitativa; análise dos dados.

Na etapa da coleta de dados foi feito um mapeamento dos Cursos de Turismo e Hotelaria que ofertam tecnólogo, licenciatura e bacharelado no estado do Rio de Janeiro, sendo público ou privado, para determinar o universo a ser dimensionado e pesquisado da amostra.

Para melhor caracterizar o universo da pesquisa, foi elaborado o seguinte quadro:

Quadro 2– Caracterização das categorias

Categoria de análise	Conceitos	Fontes
Bacharel em Hotelaria	Curso focado na preparação de profissionais para administração de hotéis. Com essa formação você aprenderá sobre meios de turismo, hospitalidade, fundamentos de marketing, administração de empresas e meios de hospedagem. A duração do curso é de 4 anos.	Silveira et al. (2020). Silveira, Medaglia & Nakatani (2023).
Bacharel em Turismo	Curso de graduação, que aborda temas como planejamento turístico, gestão de empresas, hospitalidade, cultura, lazer e desenvolvimento sustentável. A duração do curso é de 4 anos.	Pinto et al (2025). Coelho & Sakowski (2023).
Licenciatura em Turismo	Curso de graduação que forma profissionais para atuar em diversas áreas do setor turístico, desde o planejamento e gestão de destinos até a promoção e comercialização de produtos e serviços turísticos. A duração do curso é de 4 anos.	Carvalho et al. (2018).
Tecnólogo em Gestão de Turismo	Profissional com formação superior tecnológica (nível superior) que se dedica a gerenciar, planejar e desenvolver atividades e produtos relacionados ao setor turístico. A duração do curso é geralmente de 2 a 3 anos.	Carvalho et al. (2018).
Tecnólogo em Hotelaria	Profissional com formação superior, de nível tecnológico, que se dedica à gestão e operação de hotéis, pousadas, resorts, spas, e outras empresas de hospedagem e turismo. A duração do curso é geralmente de 2 a 3 anos.	Menezes & Cavalcanti (2020). Ansarah, (2004).

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Para averiguação do nível de resposta proposta, falhas na organização das perguntas e possíveis dúvidas geradas ao tema proposto da pesquisa, foi realizado um pré-teste com alguns respondentes. Assim, identificaram-se algumas falhas e necessidades de ajustes que foram apontados no pré-teste.

A pesquisa, do tipo e-survey, foi transmitida por meio da divulgação do link em comunidades das Universidades que ofertam os cursos de Turismo e Hotelaria no estado do Rio de Janeiro, via Facebook, Instagram e outras mídias sociais. Além disso, também foi divulgado o link da pesquisa para alguns docentes e coordenadores que lecionavam em instituições de Turismo e Hotelaria no estado do Rio de Janeiro, com o intuito de divulgação

para seus alunos. O formulário ficou ativo durante dois meses do ano de 2019, fevereiro e março. A duração média de preenchimento completo do formulário foi de 10 a 15 minutos. Uma vez que as respostas foram obtidas via internet, de forma espontânea, o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) estava implícito.

O formulário se dirigiu a todos aqueles que estavam realizando ou já haviam realizado estágio obrigatório ou não obrigatório no setor de Turismo. Sendo assim, para aqueles que não estagiavam no momento da pesquisa, a última experiência de estágio do respondente foi considerada. Vale ressaltar que aqueles que nunca haviam estagiado, não poderiam responder, já que não se enquadravam no perfil da pesquisa. Os egressos também não entraram no escopo do estudo.

Para análise dos dados, foi escolhida a técnica de Análise de Correspondência Múltipla (ACM), que possibilita examinar dados categóricos (qualitativos) (Carvalho, 2008; Kassambara, 2017; Le Roux; Rouanet, 2010). Tal análise viabiliza utilizar procedimentos otimizados para ilustrar visualmente a similaridade e dissimilaridade entre categorias de análise. Para tratamento dos dados categóricos da pesquisa, relacionados à formação superior e estágio, foi utilizado o software Rstudio para gerar as dimensões e gráficos da ACM. Esta análise permite examinar mais de duas variáveis ao mesmo tempo e representar graficamente perfis de cada unidade observada. Logo, a ACM proporciona avaliar as relações entre as variáveis escolhidas.

Optou-se por analisar as estruturas com base em duas dimensões (eixo x e eixo y do plano cartesiano). As variáveis alocadas ao redor de uma dimensão determinam suas características e entendimento. Portanto, a ACM permite encontrar nos dados analisados como os discentes se organizam em relação às variáveis selecionadas, identificando a existência de grupos homogêneos. Neste estudo, foram identificadas como dimensões: 1) a formação superior, representada pelo eixo x; 2) o estágio realizado pelos respondentes, representada pelo eixo y. A seguir, a próxima seção apresentará e discutirá os resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O público pesquisado foi composto de discentes de instituições de ensino superior do estado do Rio de Janeiro, com experiência de estágio profissional. Dos 168 respondentes, a predominância foi do sexo feminino (76,2%) e na faixa etária de 18 a 24 anos (61,9%). Quanto à renda familiar, a distribuição foi diversa: de até R\$ 1.431,00 (18,5%); R\$ 1.431,00 a R\$ 2.862,00 (25,6%); R\$2.862,00 a R\$4.293,00 (23,8%); R\$4.293,00 a R\$5.724,00 (8,9%); De R\$5.724,00 a R\$9.540,00 (10,1%); mais de R\$9.540,00 (4,8%); e não desejaram informar (8,3%).

A Tabela 1, apresenta as variáveis juntamente dos principais itens que se destacaram do questionário, com suas respectivas significâncias estatísticas, e às quais dimensões correspondem. Neste caso, há 99,99% de correspondência entre as variáveis e as dimensões a que pertencem. A dimensão está relacionada à variável com o seu respectivo R^2 , que indica a intensidade do efeito de cada variável para a dimensão. Quanto mais próximo de 1, maior a contribuição para a dimensão. Neste caso, a variável que mais contribui para a dimensão 1 é Curso e a que mais favorece a dimensão 2 é Networking. Então, nota-se que a dimensão 1 forma um fator associado à formação superior do discente e a dimensão 2 está vinculada ao estágio realizado.

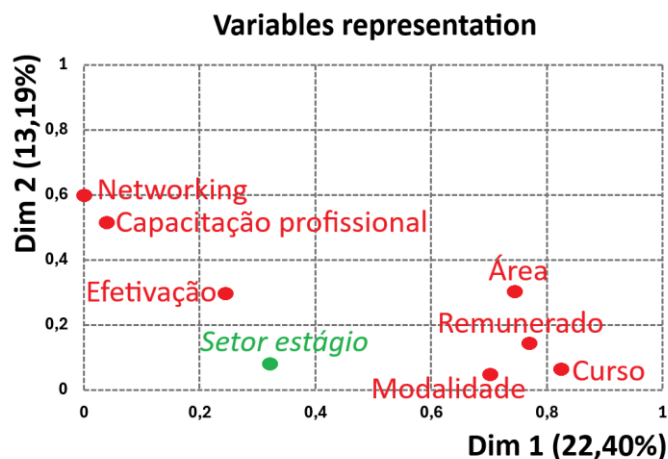
Tabela 1 – Resumo dos itens por dimensão

Variável	Item	R ²	Dimensão
Curso	Informe seu tipo de curso.	0.84***	1
Remunerado	O estágio é/era remunerado?	0.77***	1
Área	Onde você estagia ou estagiava?	0.75***	1
Modalidade	Qual é a modalidade do seu curso?	0.73***	1
Networking	O ambiente de estágio tem/teve possibilidade de interação com diversos profissionais e a troca de conhecimentos e experiência?	0.60***	2
Capacitação profissional	O estágio amplia/ampliou sua visão do mercado de trabalho e do funcionamento da estrutura de uma empresa?	0.53***	2
Efetivação	A organização oferece/oferecia oportunidade de efetivação?	0.30***	2
Setor_estágio	Este estágio pertence/pertencia ao setor público ou privado?	-	Passiva

*** p < 0,001, n = 168

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A Figura 1 representa um gráfico discriminante das dimensões 1 e 2 de acordo com as variáveis analisadas, indicando quais fatores são representados por estes itens (Friendly; Meyer, 2015; Kassambara, 2015). Nota-se que as variáveis Curso, Remunerado, Área e Modalidade estão bem destacadas ao eixo x (dimensão 1) e as variáveis Networking, Capacitação Profissional e Efetivação ao eixo y (dimensão 2). Neste sentido, a dimensão 1 forma um fator relacionado à formação superior do discente e a dimensão 2 está relacionada ao estágio realizado. Dessa forma, analisou-se como a formação superior se relaciona com o estágio realizado pelos discentes e foi possível encontrar no mercado de trabalho em Turismo do Rio de Janeiro como estão distribuídos e organizados os discentes no que diz respeito à área de atuação laboral.

Figura 1 – Discriminante das variáveis por dimensão

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

O Turismo é descrito como um setor econômico com diversas possibilidades para um profissional atuar (Pimentel & De Paula, 2014). O mercado do Turismo se constitui por uma variedade de organizações, como meio de hospedagens, transportadoras turísticas, agências de viagens, restaurantes, empresas de entretenimento e lazer, empresas organizadoras de eventos, dentre outras que fazem parte de todo ecossistema que contribui para a elaboração, realização, organização e a comercialização dos produtos turísticos. Além da prestação de serviços e da comercialização, “há também as entidades de classe e os órgãos oficiais que planejam, financiam e regulam a atividade turística, sendo também provedores de postos de trabalho” (Silva; Holanda; Leal, 2019, p. 509).

Os resultados da pesquisa apontam que os discentes entrevistados predominantemente estagiavam na área de serviços e educação. Para este estudo a variável área de serviços é composta por: hotelaria, agência de viagem, operadora de Turismo, transporte turístico, agência de eventos, empresa de tecnologia ligada a Turismo, bares e restaurantes. Além disso, a área educacional foi identificada como: escolas, projetos e/ou programas educacionais e cursos técnicos.

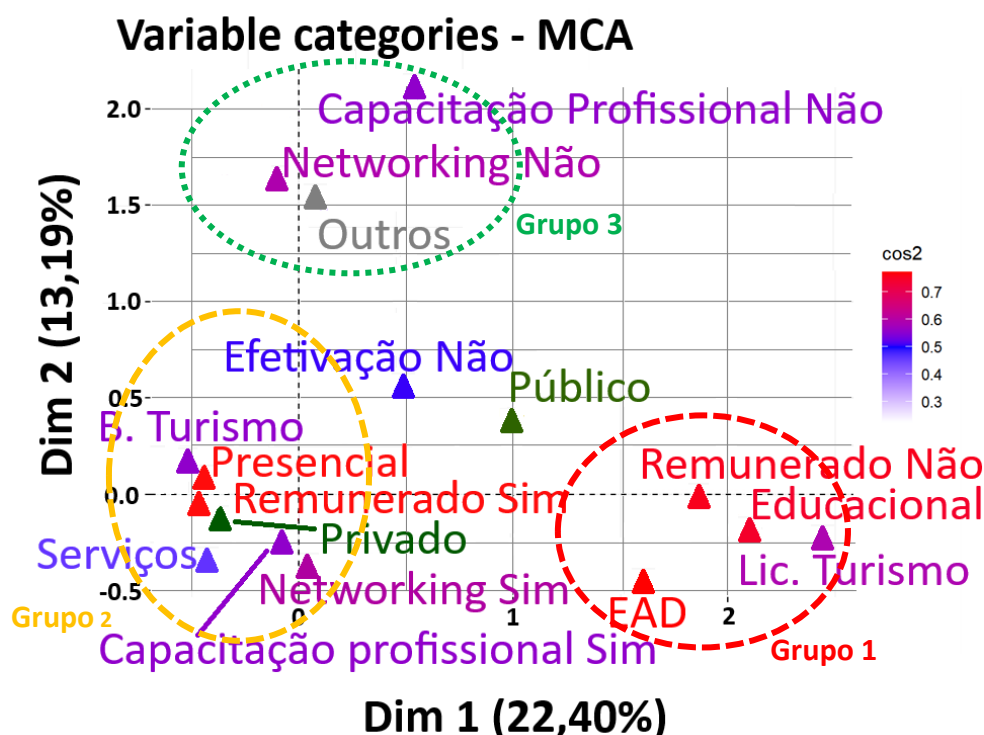
A análise de correspondência múltipla indicou a presença de três grupos bem definidos no que diz respeito à formação superior e estágio na área de Turismo, conforme Figura 2. Há um grupo de respondentes formados por discentes do curso de Licenciatura em Turismo, modalidade EAD, que realizavam estágio não remunerado na área educacional (grupo 1), e outro grupo mais coeso que significa uma associação mais forte das categorias entre si (grupo 2).

O segundo grupo se refere a alunos do curso de Bacharelado em Turismo, na modalidade presencial, que realizavam estágio remunerado na área de serviços em empresas privadas. Logo, identificou-se uma correlação entre o estágio na área de serviços e uma maior propensão a gerar trabalho em rede (networking) e habilidade laboral (capacitação profissional). Para Silveira et al. (2020), a essência da educação deve mudar, com uma maior inclinação para habilidades práticas e pragmáticas, superando as necessidades acadêmicas. Neste sentido, busca-se focar na aprendizagem baseada em habilidades que atenda às demandas de um setor (Griffin, 2020), facilitando facilitar o aprendizado de novas habilidades quando necessário.

Entretanto, outro grupo de destaque (grupo 3) foi o de estagiários que não identificaram a possibilidade de interação com diversos profissionais (networking), tampouco a troca de conhecimentos e experiência. Como consequência, não possuem uma visão sistêmica do mercado de trabalho e do funcionamento da estrutura de uma empresa.

Sobre o mercado de trabalho para os bacharéis em turismo, Silveira (et al, 2020), destaca que é diversificado ao considerar a quantidade de empreendimentos nas áreas como hospedagem, alimentação, transporte, lazer e entretenimento, gerando efeito direto na formação dos profissionais da área. Mas, apesar de variado, o mercado de trabalho para os turismólogos no Brasil, é mais concentrado em algumas áreas do que se pensa e se ensina nos cursos de turismo. Assim, há uma concentração de turismólogos em poucas áreas de atuação, especialmente em agências, operadoras e no segmento de hospedagem (com maior intensidade na primeira) representando, em grande parte, a baixa remuneração e a atuação no segmento privado.

Figura 2 – Mapa da Análise Correspondência Múltipla



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

De acordo com a Figura 2, notou-se que para uma parte dos discentes (grupo 3) o estágio não está atendendo a sua principal função de colaborar para ampliar o conhecimento diante da realidade do mercado de trabalho (Halpern, 2016; BRASIL, 2008). Neste sentido, corrobora-se com estudos anteriores a realidade atual do Brasil em que muitos alunos de graduação acabam realizando estágios fora da área de formação (Capone, 2010). Sobre este assunto, Pinto et al. (2025) destaca que mesmo que os currículos não sejam um fator determinante, visto que estabelecem a base para os programas, a discussão sobre o desenho curricular do turismo não chegou a uma conclusão comum entre os educadores, podendo afetar o perfil do aluno desejado.

Apesar da expectativa da possibilidade de efetivação ao realizar um estágio (Rittner, 2003; Rocha-De-Oliveira, 2009; Trevisan; Wittmann, 2002), não foi possível identificar associação entre possibilidade de efetivação e os estágios realizados. A análise destacou a não efetivação desses estagiários em nenhum dos grupos e, desse modo, não contribui para empregabilidade no Turismo.

Outro aspecto a ser pontuado, Segundo Silveira, Medaglia e Nakatani (2020), é que em todas as profissões, não somente as que estão ligadas ao Turismo, estão exigindo de seus profissionais autonomia intelectual, maior capacidade de raciocínio, senso crítico, atitudes inovadoras e empreendedoras, além de aptidão para prever cenários e sanar problemas, como condição de empregabilidade e desempenho no mundo dos negócios.

Nota-se ainda que apenas os discentes de Bacharelado em Turismo identificam em seus estágios uma visão sistêmica de mercado de trabalho ampliada com possibilidade de

assimilação de conhecimento por meio de contato com profissionais mais experientes, com melhores oportunidades de trabalho futuro. Como esta pesquisa se concentra em cursos de graduação em turismo, um olhar mais atento sobre o futuro do ensino superior é relevante (Pinto et al, 2025). De acordo com o Instituto de Estudos do Futuro de Copenhague (CIFS, 2019), os modelos educacionais precisam refletir a mentalidade do século XXI, baseada na economia digital, nas rápidas mudanças sociais e na fluidez do mercado de trabalho.

Primeiro, a estrutura rígida e convencional do ensino superior deve considerar que os graduados encontrarão oportunidades de aprendizagem ao longo da vida no futuro (CIFS, 2019).

Lauris e Silva (2005) salientam que o estágio se passa como um teste de competências do estudante, motivação e habilidades de se integrar à empresa, que analisa o potencial de crescimento do estagiário de acordo com suas características e habilidades produtivas. Portanto, o estágio deve ser visto dessa forma – uma experimentação e seleção de mão de obra jovem -, como uma experiência fundamental para a formação do profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo relacionar e analisar a formação acadêmica do profissional de Turismo com as características da área de atuação do estágio realizado pelos discentes dos cursos superiores de Turismo e Hotelaria, no estado do Rio de Janeiro. A entrada no mercado de trabalho requer capacidades multifuncionais e interdisciplinares e considera-se importante ter disciplinas que incorporem essas demandas na grade de formação do estudante, para que seja preparado para entrar na área de atuação escolhida ciente das competências que serão esperadas como desenvolvê-las anteriormente. É cada vez mais requerente no profissional, não apenas de Turismo, ser o protagonista de sua qualificação profissional e gestor de sua carreira. Contudo, é necessário atentar que a instituição de ensino também precisa preparar o aluno para esse futuro, capacitando efetivamente para o mercado de trabalho.

Com relação aos estágios de Turismo, pode-se afirmar que os estagiários da área de serviços conseguem alcançar uma visão sistêmica, ou seja, ampliar a sua visão de mercado de trabalho e aumentar sua experiência profissional. Além disso, o estágio possibilita a interação com diversos profissionais e propicia networking tornando uma competência valiosa para o futuro profissional e egresso, uma vez que o estágio é o primeiro contato do acadêmico com o ambiente laboral. Entretanto, a pesquisa evidenciou que a maioria dos discentes dos cursos de Bacharelado são os beneficiados dessa troca de experiências e ampla visão do funcionamento do mercado.

Por outro lado, nota-se que há estágios na área de Turismo que restringem a visão de mercado de trabalho e a experiência profissional. Os alunos dos cursos de Licenciatura em Turismo ficam restritos apenas aos estágios da área educacional e não recebem remuneração para desempenhar sua função, tendo em vista que a oferta de estágio ocorre em escolas públicas ou cursos técnicos profissionalizantes que não remuneram. Dessa forma, não há perspectiva de efetivação ao final do estágio e oportunidade de perpassar por diversos tipos de organização.

Evidencia-se a necessidade de uma maior abertura e interação entre universidade e o mercado de trabalho, visto que ambos se complementam. Consequentemente, a aproximação faz com que os gestores possam observar a existência de pessoas qualificadas que o mercado precisa absorver.

A relação entre o saber prático e o teórico quando se realiza o estágio e que aproxima a universidade do mercado, colabora com o intuito da universidade realizar ações de extensão de inserção no mercado laboral.

Como limitação do estudo, pode-se citar o tamanho da amostra, e a pesquisa limitada ao ensino exclusivamente do estado do Rio de Janeiro. Para pesquisas futuras, sugere-se um aumento do tamanho da amostra com estagiários em todo o Brasil, para que a temática possa ser analisada e difundida nas IES, além de poder gerar discussão sobre a oferta de formação superior atual. Ademais, se recomenda ampliar a pesquisa a outros atores do Turismo, como gestores, para identificar a sua percepção sobre o profissional em formação e as capacidades requeridas que o mercado demanda atualmente.

A experiência de estagiar, no entanto, tem se afastado do objetivo inicial e se tornado muitas vezes apenas uma forma de se obter mão de obra barata, sem sequer focar no aluno, a fim de prepará-lo como profissional. Como reverter essa situação, e contribuir de forma positiva para um profissional qualificado, com possibilidade de crescimento e com melhores possibilidades futuras, é um desafio para o setor e para a formação.

REFERÊNCIAS

ANSARAH, M. G. R. *Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2002.

BARRETTO, M.; TAMANI, E.; SILVA, M. *Discutindo o ensino universitário de turismo*. Campinas: Papirus, 2004.

BEATRIZ, M. Z. O trabalho, a repressão e o mal-estar do trabalhador: algumas reflexões. *Rev. Mal-Estar Subj.*, v. 4, p. 1107-1130, 2010. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v10n4/03.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2023.

BRASIL. (2020) Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 set. 2008. Recuperado de Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em: 02 fev. 2023.

BRYMAN, A.; BELL, E. *Business research methods*. Oxford University Press, USA, 2011.

CAMPOS, K. C. L. *Construção de uma escala de empregabilidade: competências e habilidades pessoais, escolares e organizacionais*. (Tese de doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia). Universidade de São Paulo, 2006.

CAPONE, L. A fraude à Lei do Estágio e a Flexibilização do Direito do Trabalho. *Rev. Trib. Reg. Trab.* 3ª Reg., Belo Horizonte, v. 51, n. 81, p. 47-70, 2020. Disponível em: https://sistemas.trt3.jus.br/bdtrt3/bitstream/handle/11103/27180/luigi_capone.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 04 fev. 2023.

CARVALHO, H. *Análise Multivariada de Dados Qualitativos: Utilização da Análise de Correspondências Múltiplas com o SPSS*. Lisboa: Edições Silabo, 2008.

CARVALHO, A. Z.; HOLANDA, L. A.; MARTINS, P. C.; 7 NOVO, C. B. C. AVALIAÇÃO DO BACHARELADO EM TURISMO NO BRASIL À LUZ DO EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES (ENADE). *Revista Tur., Visão e Ação*, Vol. 20 - n. 3, 2018.

CASTELLS, M. Communication, Power and Counter-power in the Network Society. *International Journal of Communication*, v. 1, p. 238 – 266, 2007. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/46/35>. Acesso em: 02 fev. 2023.

CERETTA, P. S.; TREVISAN, M.; MELO, G. C. de. *Estágio extracurricular e seus reflexos na formação do administrador*. Encontro Nacional de Cursos de Graduação em Administração, 6. Florianópolis: ENANGRAD, 1996.

CODO, W. *Por uma psicologia no trabalho: ensaios*. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

COELHO, M. H. P.; SAKOWSKI, P. A. M. *Perfil da mão de obra do turismo no Brasil nas atividades características do turismo e em ocupações*. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: IPEA, 2014. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/extrator/arquivos/td_1938.pdf. Acesso em: 03 fev. 2023.

COLOMBO, I. M.; BALLÃO, C. M. Histórico e aplicação da legislação de estágio no Brasil. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 53, p. 171-186, 2014 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/kKhXcCMp56LZ5R54fsL4PFq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2023.

COOPER, C.; SHEPERD, R.; WESTLAKE, J. *Educando educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade*. São Paulo: Roca, 2001.

COSTA, J. C.; SANTANNA, E. S.; VIANA, J. P.; FRATUCCI, A. C. Trabalho (In)Decente no Turismo: Reflexões para a Construção de uma Agenda de Pesquisa. *Rosa dos Ventos*, v. 13, n. 04, Universidade de Caxias do Sul, Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=473569973013>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto*. In: Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEJOURS, C. Psychodynamics of work and the seduction theory. *Psicologia em Estudo*, v. 17, n. 3, p. 363-371, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/ZCgmnvttLdFqdzFb3tdZ3zt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2023.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 6. São Paulo: Cortez-Oboré, 2015.

DEMING, D. The Growing Importance of Social Skills in the Labor Market. *Quarterly Journal of Economics*, v. 132, n. 4, p. 1593-1640, 2017. Disponível em: <https://academic.oup.com/qje/article-abstract/132/4/1593/3861633>. Acesso em: 10 mar. 2023.

FONSECA, M. A. P.; PETIT, A. Turismo e trabalho em áreas periféricas. *Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*, v. 6, n. 119, 2002. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119128.htm>. Acesso em: 10 mar. 2023.

FREITAS, T. S.; AMORIM, T. N. G. F. *Diretrizes curriculares x flexibilização ... aonde vamos? Realmente queremos ir?* Encontro Nacional de Cursos de Graduação em Administração, v. 11, n. 5-18. Salvador, ANGRAD, 2000.

FRIENDLY, M.; MEYER, D. *Discrete data analysis with R: visualization and modeling techniques for categorical and count data*. CRC Press, 2015.

FLORA, T. R. B.; SILVA, R. R.; ZOUAIN, D. M. *Mercado de Trabalho em Turismo: Um estudo com Discentes de Instituições de Ensino Superior do estado do Rio de Janeiro*. XLVI Encontro da ANPAD – EnANPAD, 2022.

GRIFFIN, W. C. Hospitality faculty: Are we meeting the demands of industry? *Journal of Teaching in Travel & Tourism*, 20(4), p. 262–283, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15313220.2020.1746225>. Acesso em: 21 de mai. 2025.

GONDIM, C. B.; LIMA, A. G. A.; RODRIGUES, D. M. L. *Análise dos Estágios Supervisionados Obrigatórios do Curso de Hotelaria da UFPB: características e desafios*. IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo, 2012.

HALPERN, C. *À espera de um clique: o papel das mídias e redes sociais no recrutamento online de estagiários*. (Dissertação de mestrado em Administração). Universidade Federal Fluminense, 2016.

HAIR, Jr. J.; BLACK, W.; BABIN, B.; ANDERSON, R. *Multivariate Data Analysis*, v. 8. UpperSaddle River: Prentice-Hall, 2018.

ISNARD, P.; MESQUITA, J. M.; FIALHO, E. A influência dos atributos educacionais dos cursos profissionalizantes na empregabilidade. *Revista Raunp*, v. 11. n. 1, p. 71-87, 2019. Disponível em: file:///Users/marineswalkowski/Downloads/A_influencia_dos_atributos_educacionais_dos_cursos.pdf. Acesso em: 02 fev. 2024.

KASSAMBARA, A. *Practical guide to principal componente methods*. In R: PCA, M (CA), FAMD, MFA, HCPC, facto extra (2). STHDA, 2017.

LAURIS, R. P.; SILVA, T. N. *Percepção dos ex-estagiários a respeito do programa Copesul de desenvolvimento de talentos*. Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 29. Brasília: EnANPAD, 2005.

LEMOES, A. H. C.; RODRIGUEZ, D.; MONTEIRO, V. C. Empregabilidade e sociedade disciplinar: uma análise do discurso do trabalho contemporâneo à luz de categorias foucaultianas. *Organizações & Sociedade*, v. 18, n. 59, p. 587-604, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/dcTf7vcqRVNf4zdp5DqKvKD/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

LEMOS, A. H. C.; Costa, A. M. A Dimensão Simbólica da Empregabilidade: Mercado, Políticas Públicas e Organização Social do Trabalho. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, v. 7, n. 2, p. 85-103, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.21446/scg_ufri.v7i2.13272. Acesso em: 10 mar. 2023.

LE ROUX, B.; Rouanet, H. *Multiple correspondence analysis*, 163. Sage, 2010.

LYSOVA, E. I.; JANSEN, P. G.W.; KHAPOVA, S. N.; PLOMP, J.; TIMS, M. Examining calling as a double-edged sword for employability. *Journal of Vocational Behavior*, v. 104, p. 261–272, 2018. Disponível em: https://research.vu.nl/ws/portalfiles/portal/104537994/Examining_calling_as_a_doubleedged_sword_for_employability.pdf. Acesso em: 02 fev. 2024.

MARTONI, R.M.; ALVES, K. dos S. As condições da classe trabalhadora em atividades características do turismo: especificidades e tendências socioproductivas. *Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, v. 11, n. 1, p. 211-223, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v11i1p211>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MENEZES, P. D. L.; & CAVALCANTI, D. R. Ensino superior e formação profissional em hotelaria: estudo de caso do Curso de Bacharelado em Hotelaria da UFPB. *Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR*, Penedo, Volume 10, Número 2, nov. 2020, p. 19-35. Disponível em: <https://10.2436/20.8070.01.176>. Acesso em: 20 de mai. 2025.

MOTA, K. M. *Formação Superior em Turismo na Unifor/CE*: Proposta, realidade e reflexo. (Dissertação de mestrado em Turismo). Universidade de Caxias do Sul, 2007.

OGANAUSKAS, D. S. N.; GOMES, B. M. A.; ANDRUKIU, A. M. G. Bacharelado em Turismo no Brasil: história e contribuições da Universidade Federal do Paraná. *Turismo & Sociedade*, v. 5, n. 2, p. 563-583, 2012. Disponível em: [file:///Users/marineswalkowski/Downloads/Bacharelado em Turismo no Brasil História e contri.pdf](file:///Users/marineswalkowski/Downloads/Bacharelado%20em%20Turismo%20no%20Brasil%20Hist%C3%B3ria%20e%20contri.pdf). Acesso em: 10 mar. 2023.

ONZI, L.; BOTOMÉ, S. Características do ensino superior de graduação em Turismo: a organização do conhecimento como critério de planejamento da formação profissional. *Revista Turismo em Análise*, v. 16, n. 2, p. 133-156, 2005. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rta/article/view/63733>. Acesso em: 12 mar. 2023

PIMENTEL, T. D.; DE PAULA, S. C. A inserção profissional no mercado de trabalho face às habilidades adquiridas na formação superior em turismo. *Revista de Turismo Contemporâneo*, v. 2, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/5474>. Acesso em: 10 out. 2023.

PINTO, M. J. A.; NAKATANI, M. S. M.; GIL, J.; & LOHMANN, G.: The futures of tourism education: four scenarios for Brazil in 2032, *Current Issues in Tourism*, 2025. Disponível em: <https://10.1080/13683500.2025.2498592>. Acesso em: 20 de mai. 2025.

REIS, J.; HASAN, N. Organizações Inovadoras que Utilizam a Revolução 4.0. *Interfaces Científicas - Exatas e Tecnológicas*, v. 2, n. 3, p. 9-20, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/exatas/article/view/4745>. Acesso em: 13 mar. 2024.

RITTNER, C. L. A. *Estagiários e trainees*. In: BOOG, G. (Coord.). Manual de Treinamento e Desenvolvimento. v. 3, São Paulo: Makron Books, 2003.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. *Estágios para universitários: representações e implicações na inserção profissional dos jovens brasileiros e franceses*. (Tese de doutorado em Administração, Escola de Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.; PICCININI, V. Uma análise sobre a inserção profissional de estudantes de administração no Brasil. RAM. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 13, p. 44-75, 2012a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/vBvtyDZGQ5xLqhhzTXJvXMF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2023.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.; PICCININI, V. A construção do mercado de estágios em administração na cidade de Porto Alegre. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, v. 6, n. 4, p. 29-48, 2012b. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11108>. Acesso em: 10 out. 2023.

ROESCH, S. M. A. *Projetos de estágio do curso de administração: guia para pesquisas, projetos e trabalho de conclusão de curso*. (1 ed.) São Paulo: Atlas, 1996.

RUSCHMANN, D. *Turismo no Brasil*. Barueri: Manole, 2002.

SANTOS, G.; Costa, B.; MALERBA, R. *Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo: empregabilidade, perspectivas e percepções do egresso do IFSP*. *Revista Turismo em Análise*, v. 26, n. 3, p. 719-742, 2015. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rta/article/view/90889>. Acesso em: 10 out. 2023.

SANTOS, G. *Estatísticas dos cursos superiores de Turismo no Brasil*, 2023. Disponível em: <https://medium.com/@glauber.santos/estat%C3%ADsticas-dos-cursos-superiores-de-turismo-no-brasil-bb3ce45739cc>. Acesso em: 10 out. 2023.

SANTOS, B. V. *Influência das experiências de estágio na carreira dos alunos e egressos de turismo: uma análise da realidade da ECA – USP*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo, 2022.

SILVA, L.; HOLANDA, L.; LEAL, S. R. Inserção dos Turismólogos Brasileiros no Mercado de Trabalho. *Revista Turismo em Análise*, v. 29, n. 3, p. 506-524, 2018. Disponível em: 10.11606/issn.1984-4867.v29i3p506-524. Acesso em: 10 out. 2023.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J.; GÂNDARA, J. M. G. Quatro décadas de Ensino Superior de Turismo no Brasil: dificuldades na formação e consolidação do mercado de trabalho e a ascensão de uma área de estudo como efeito colateral. *Turismo, Visão e Ação*, v. 14, n. 1, p. 6-18, 2012. Disponível em: [file:///Users/marineswalkowski/Downloads/luiz50,+01%20\(1\).pdf](file:///Users/marineswalkowski/Downloads/luiz50,+01%20(1).pdf). Acesso em: 10 out. 2023.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J., VICENTIM, J. M., & BARBOSA, D. P. Transformações na sociedade e no mercado de trabalho: A inserção do profissional de turismo no cenário pós-pandemia do COVID-19. *Observatório de Inovação do Turismo – Revista Acadêmica*, 6(4), P. 106–130, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/raoit.v14n4.6679>. Acesso em: 22 de mai. 2025.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J.; NAKATANI, M. S. M. O Mercado de Trabalho Dos Egressos de Cursos Superiores Em Turismo: Comparações Dos Dados de 2012 – 2018. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 14, n. 2, p. 83–94, 2020. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1779>. Acesso em: 10 out. 2023.

SUDHA, B.; SAMUEL, A. J.; NARKEESH, K. Feasibility online survey to estimate physical activity level among the students studying professional courses: A cross-sectional online survey. *Journal of Exercise Rehabilitation*, v. 14, n. 1, p. 58–63, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29511653/>. Acesso em: 12 mar. 2023.

TEIXEIRA, S. H. A. *Cursos Superiores de Turismo: uma abordagem histórica (1970/1979)*. Congresso Brasileiro de História da Educação, Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2006.

TREVISAN, M.; WITTMANN, M. L. *Estágios extracurriculares e a formação de administradores*. Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 26. Salvador: EnANPAD, 2002.

VALORIA, C. S.; CZARNESKI, F. R. C.; MACHADO, D. G. Atividade de estágio: um estudo acerca da contribuição para a formação profissional, qualidade de vida e bem-estar dos estagiários. *SINERGIA - Revista do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis*, v. 22, n. 1, p. 77-86, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/sinergia/article/view/7935>. Acesso em: 12 mar. 2023.

WANG, J.; AYRES, H.; HUYTON, J. Is tourism education meeting the needs of the tourism industry? An Australian case study. *Journal of Hospitality and Tourism Education*, v. 22, n. 1, p. 8-14, 2012. Disponível em: 10.1080/10963758.2010.10696964. Acesso em: 12 mar. 2023.

ZABALZA, M. A. *O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária*. São Paulo: Cortez, 2015.